



O ENSINO DA FILOSOFIA E O MUNDO JUVENIL

*Everaldo Cescon**

Resumo: Todo processo de ensino/aprendizagem é um projeto utópico, pois é um movimento que vai do “já” ao “ainda não”. Utópico também deve ser considerado o movimento individual que vai do “eu” à construção do “si”, isto é, da vontade de afirmação pessoal à capacidade de interação social. Na prática de ensino, o “já” é a situação de ingresso de cada aluno e da turma e o “ainda não” é expresso nos “objetivos”, elaborados na fase de planejamento, que descrevem o projeto de ser humano em direção ao qual tende o processo de ensino/aprendizagem.

O mundo juvenil atual desdobra-se em torno de um núcleo problemático de grande relevância: a dilatação da fase adolescente e o consequente prolongamento da dependência e do conformismo. É marcado pela ausência de um protagonismo real, pela incapacidade de escolher, pela dificuldade em assumir a responsabilidade pelos próprios comportamentos e pela cultura do álibi proporcionado pela ideologia dominante que encoraja a crer que a força dos fatos pesa nas escolhas individuais determinando-as. Os jovens “têm tudo”, mas sentem “não ser nada”. O resultado é apatia, insatisfação generalizada, dificuldades de comunicação, sentimento de solidão, predominância de atitudes de competição e conformismo gregário. Na escolha dos modelos comportamentais, a situação se agudiza pelo ocultamento da dialética valores/desvalores. A cultura dominante lhes apresenta o sucesso fácil, a felicidade garantida, a beleza e a magreza como condições de aceitabilidade social, jogando-os na desorientação, fazendo-os fugir para a irreabilidade. O “si” tarda a se estruturar e a ansiedade domina as personalidades.

Mas os jovens também têm desejos: identidade, auto-afirmação, auto-estima. A profunda insatisfação com o “já” é o espaço do “ainda não” do projeto educativo. Eis o trabalho do professor. Ele deve se valer de uma condição, atualmente incomum: a comunicação presencial. Os sujeitos da comunicação educativa, pelo seu “estar presente”, vivem uma fisicidade: palavras, olhares, silêncios. É um “estar ali” atento ao outro, para que ele construa o próprio si e se reconheça. Esta é a tarefa do professor/facilitador, que não caminha pelos alunos, mas favorece a experiência cultural deles, os guia e os apóia no percurso. Ele não considera as emoções e os sentimentos dos alunos como elementos que dificultam a conceitualização, mas importantes indicadores das amizades intelectuais que poderiam nascer entre os jovens e os filósofos do passado, diante daquela passagem obscura ou daquela contradição não resolvida. Ele valoriza a “dificuldade” de pensar dos seus alunos, legitimando as atitudes de perplexidade e de dúvida, contra o senso comum que leva a pôr-se sob a “proteção” para não correr o risco do “fracasso”. Ele acredita na “admiração”, sabe percebê-la nos seus alunos, mesmo desorientados diante da desproporção entre a amplidão da pergunta e a limitação das respostas, ajuda-os a se reencontrarem e encoraja-os a se exprimirem.

Palavras-chave: educação, filosofia, axiologia, professor, jovens

* Professor da Universidade de Caxias do Sul – Brasil. Pós-doutorando em Filosofia na Universidade de Lisboa. Bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia – Portugal. Doutor em Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana – Itália.